

Orquestra Barroca

Casa da Música

Remix Ensemble

Casa da Música

Fabio Biondi violino e direção musical

Tito Ceccherini direção musical

Ilya Gringolts violino

07 Nov 2023 - 19:30 Sala Suggia

À VOLTA DO BARROCO



casa da música



Fabio Biondi e Tito Ceccherini sobre o programa.

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



1ª PARTE

Orquestra Barroca Casa da Música
Fabio Biondi violino e direção musical

Antonio Brioschi

Sinfonia em Ré maior (c.1740; c.8min)

Allegro — Andante piano — Presto

Wolfgang Amadeus Mozart

Sinfonia n.º 10 em Sol maior, K. 74 (1770; c.10min)

Allegro — Andante — Allegro

Concerto para violino n.º 7 (1777; c.30min)

Allegro maestoso — Andante — Rondo: Allegro

2ª PARTE

Remix Ensemble Casa da Música

Tito Ceccherini direção musical

Ilya Gringolts violino

György Ligeti

Concerto para violino e orquestra (1989-93; c.30min)

1. Praeludium: Vivacissimo, luminoso
2. Aria, Hoquetus, Choral: Andante con moto
3. Intermezzo: Presto fluido
4. Passacaglia: Lento intenso
5. Appassionato: Agitato molto

O jovem **Wolfgang Amadeus Mozart** (1756-1791), nos seus périplos italianos realizados entre 1769 e 1773 — o primeiro mais vasto, e com um carácter mais formativo, o segundo e o terceiros concentrados em Milão, agora já por razões profissionais —, encontrou ainda viva, precisamente nesta grande cidade, capital da Lombardia e então sob domínio austríaco, aquilo que poderia ser considerada como a primeira “escola sinfónica” da história da música. Foi sobretudo determinante o específico contexto cultural e artístico da cidade, que estava agora desprovida de uma corte esplendorosa — sob os Habsburgos austríacos, o título de Duque de Milão era apanágio do Imperador, residente em Viena, estando a administração do ducado confiada a governadores — e dominada pela classe burguesa. Esta desenvolveu uma apetência por música mais ligeira, menos formal e complexa, e por isso apropriada a um público vasto e menos sofisticado, em ávida busca de entretenimento fácil, quer na ópera, quer nas “academias” (como eram chamados os primeiros concertos).

Um conjunto de compositores milaneses activos entre os inícios e meados do século XVIII, e com apenas algumas relações ténues entre si, possuía sobretudo em comum o interesse em desenvolver a sinfonia, partindo da sua forma mais simples, tal como era cultivada no início de Setecentos em Itália — e nos países onde a música italiana era predominante — enquanto introdução da ópera e de outros géneros vocais profanos, como a serenata, a oratória e, mais raramente, a cantata. As suas inovações contribuíram para uma transformação gradual num género instrumental independente, o qual viria, no final do século XVIII e, sobretudo, ao longo do século XIX, a converter-se na mais complexa, intelectual e ambiciosa edificação da música ocidental.

Esta contribuição dos compositores milaneses para a história da sinfonia não foi facilmente reconhecida pelos investigadores — sobretudo germânicos e anglo-saxónicos — que, tradicionalmente, preferem valorizar o papel de centros como Mannheim, Berlim e Viena. A figura mais influente parece ter sido a de Giovanni Battista Sammartini, compositor de origem francesa ligado profissionalmente a várias instituições religiosas milanesas, mas cuja produção hoje mais conhecida e apreciada é no âmbito da música instrumental. Mas a Sammartini há que juntar os nomes de Ferdinando Galimberti (ca. 1700-1751), Giovanni Battista Lampugnani (ca. 1708-1788) e, sobretudo, Antonio Brioschi (fl. ca. 1725-1750).

Da biografia de **Antonio Brioschi**, autor da **Sinfonia em Ré maior** aqui apresentada, sabe-se muito pouco, além de que esteve activo em Milão entre cerca de 1725 e 1750. Sobrevivem 51 sinfonias da sua autoria, algumas datadas de 1734, sendo que a maioria deverá ter sido composta no início da década de 1740. Uma grande parte destas obras (25) sobrevive na colecção hoje conhecida como *Fonds Blancheton*, reunida por Pierre Philibert de Blancheton (1697-1756), político, mecenas e melómano francês. Esta colecção, uma das mais importantes de música instrumental do início do século XVIII, inclui cerca de 300 obras de 104 compositores, predominantemente italianos, e nela as sinfonias de Brioschi (mas também de Sammartini) ocupam lugar de destaque, entre numerosos concertos para violino, aberturas, sonatas e trios.

A **Sinfonia n.º 10** de Wolfgang Amadeus Mozart foi provavelmente composta durante a sua primeira e mais extensa viagem a Itália, que decorreu ao longo de 15 meses, entre Dezembro de

1769 e Março de 1771. Esta foi planeada por Leopold Mozart como uma combinação entre uma *tournee* para divulgar os talentos do jovem prodígio, na continuação do anterior périplo pela Europa, mas também uma *grand tour*, à imagem da viagem formativa então considerada essencial à educação de qualquer jovem norte-europeu com posses e estatuto. No caso do jovem Mozart, destinava-se sobretudo a completar a sua formação, através do contacto directo com os maiores centros musicais italianos, entre os quais Milão, Mântua, Florença, Bolonha, Roma, Nápoles, Turim, Brescia e Veneza.

A sinfonia terá sido iniciada em Milão e completada em Roma. É uma obra curta e concisa, reminescente do estilo das aberturas de ópera contemporâneas, e tal como estas em apenas três andamentos (sem o par de minuetos que viria a tornar-se costumeiro nas sinfonias clássicas mais “maduras”, sobretudo na tradição vienense). Tem como peculiaridade a sucessão imediata do andamento central lento, “Andante”, ao “Allegro” inicial — característica que se encontra esporadicamente em aberturas operáticas da época. O facto de uma inscrição antiga aposta ao autógrafo indicar que esta seria a abertura original da ópera séria *Mitridate, re di Ponto*, composta exactamente no mesmo período e estreada em Milão a 26 de Dezembro de 1770, quando o compositor contava apenas 14 anos, não parece assim tão descabida.

Já o **Concerto para violino n.º 7** é uma obra difícil de datar e, para muitos, provavelmente espúria. As origens deste concerto são confusas e as duas fontes conhecidas algo misteriosas. Apesar de uma delas (um conjunto de partes instrumentais conservado em Paris) ter origem supostamente num autógrafo perdido

do compositor, não há concordância com o outro manuscrito, nem no número de compassos — o que pode ser justificado por uma carta de Mozart, datada de 1778, em que este afirma ter decidido encurtar alguns dos seus concertos para violino —, nem nas cadências inseridas — as quais deveriam, de qualquer forma, ser improvisadas ou pelo menos criadas pelos solistas, segundo a tradição da época, pelo que não é incomum sobreviverem diferentes cadências para uma mesma obra. O concerto terá sido hipoteticamente composto em 1777, ainda que seja também considerada uma data mais tardia, como 1779 ou 1780. A primeira interpretação de que há memória data apenas de 1907, sendo que o concerto inicialmente nem sequer foi incluído no catálogo da obra de Mozart, elaborado por Von Köchel e publicado em 1862. Os defensores da autoria mozartiana da obra encontram nela semelhanças motivicas com o Concerto para violino n.º 2, esse de autoria comprovada e datado de 1775, bem como com uma dança do bailado *Les petits riens*, estreado na Académie Royale de Musique de Paris, em 1778. Há ainda referências, na correspondência de Leopold Mozart, a um concerto para violino estreado em 1777, e que poderia corresponder a esta obra. Os detractores da sua autenticidade apontam alguns erros e clichés de composição abertamente reprovados e escarnecidos pelo próprio Mozart, bem como requisitos técnicos (tais como passagens muito agudas) estranhos aos outros concertos autênticos do compositor e à própria época, mas que se tornariam lugares-comuns no início do século XIX.

Sem existir nenhum acordo, subsistem as seguintes possibilidades: tratar-se de uma obra de Mozart mais tardia do que os restantes concertos para violino, composta em circunstâncias particulares e, possivelmente, urgentes, e

que subsiste em fontes corrompidas ou alteradas posteriormente (seja por negligência dos copistas, seja por vontade expressa de “modernizar” a obra); ser um arranjo feito por Mozart do concerto de um outro compositor contemporâneo; uma falsa atribuição, feita por desconhecimento ou de forma intencional; ou mesmo uma falsificação propositada — como um outro pseudomozartiano concerto para violino, conhecido como *Concerto Adelaide* (na realidade composto por Marius Casadesus já no século XX), ou muitas outras *forgeries* criadas por diversos membros da família Casadesus e por Fritz Kreisler. Mas, independentemente da sua suspeita autenticidade, que até lhe acrescenta uma aura de mistério, trata-se de uma obra que, não sendo particularmente genial, combina um certo charme e elegância com arrojo na escrita solística, e que pode por isso ser facilmente apreciada pelo público actual.

FERNANDO MIGUEL JALÔTO, 2023*

O **Concerto para violino** de **György Ligeti** (1923-2006) teve, como muitas outras obras do compositor, uma gestação lenta. O primeiro impulso surgiu em 1984, quando o violinista Saschko Gawriloff lhe sugeriu que compusesse um concerto para o seu instrumento. Ligeti começou a trabalhar na obra em 1989 e um ano depois estreou uma primeira versão, com três andamentos. Na sequência disso, substituiu integralmente o primeiro andamento e compôs mais dois. A primeira versão com cinco andamentos foi estreada em 1992, em Colónia, mas depois disso o compositor reorquestrou, ainda, o terceiro e o quarto andamentos. A versão definitiva seria estreada em junho de 1993, pelo Ensemble intercontemporain dirigido por Pierre Boulez, com Gawriloff como solista.

Como referiu o próprio Ligeti, na nota de programa que escreveu para a estreia provisória da obra em 1990, “componho de modo muito lento, destruindo dez ou vinte tentativas antes de chegar à partitura final. Apesar da pressão de concertos futuros agendados, a criação de arte não é uma tarefa quotidiana e devo alcançar, sem qualquer compromisso, o resultado final correspondente ao ideal que imaginei”.

O propósito de Ligeti foi compor uma obra altamente virtuosística que se situasse — de novo nas suas palavras — “na tradição dos grandes concertos para violino”. Com tal objetivo, começou por ler tudo o que pôde sobre técnica de execução do instrumento e fez um estudo aprofundado de alguns dos clássicos da literatura violinística, incluindo obras de Paganini e Szymanowski, bem como as sonatas para violino solo de Bach e Eugène Ysaÿe. Por muito inovadora e revolucionária que tenha sido a música de Ligeti, a verdade é que ele tinha uma ligação muito forte à tradição erudita europeia, de tal modo que, quando compunha uma nova

*O autor não aplica o Acordo Ortográfico de 1990.

obra, frequentemente voltava aos clássicos; por exemplo, no caso de *Le Grand Macabre*, a sua ópera iconoclasta de 1977, os modelos foram Mozart e Rossini.

O Concerto para violino resulta, no entanto, de um caldo de referências muito mais amplo do que a tradição clássica europeia. Tal como foi contado por Louise Duchesneau, uma musicóloga que foi sua assistente durante mais de 20 anos, Ligeti dispunha, desde a década de 1970, de uma ampla coleção de discos, em que se incluía uma grande quantidade de álbuns de jazz e de música étnica de todos os cantos do mundo. Muitas das suas obras dos anos 80 e 90 relevam a influência dessas músicas, exteriores à tradição clássica ocidental, que profundamente o fascinavam: em vários dos Estudos para piano (1985-2001), por exemplo, há referências claras ao jazz (sobretudo a Bill Evans e a Thelonious Monk); do mesmo modo, o seu Concerto para piano (1985-1988) foi influenciado pela música polifónica e polimétrica da tribo de Banda Linda, da República Centro-Africana, que Ligeti conheceu em 1982, através de um disco que o seu aluno portorriquenho Roberto Sierra lhe mostrou. No caso do Concerto para violino, à influência desses ritmos complexos africanos junta-se também o impacto de abordagens harmónicas e melódicas alternativas que pôde escutar em música de diferentes culturas de África, Ásia e Oceânia. Assim confessou, por exemplo, ter encontrado novas formas de organizar a melodia em música de povos da Tailândia e de Laos, ao mesmo tempo que se inspirou em sistemas de afinação presentes na música de diferentes povos de Angola, Costa do Marfim, Nova Guiné e Ilhas Salomão.

A questão do sistema de afinação era, na verdade, crucial para Ligeti na década de 1980. Saturado com o sistema de afinação

temperado, que tem prevalecido na música erudita ocidental desde o século XIX e que corresponde à afinação de um piano (dividindo a oitava em 12 partes iguais), procurava alternativas. Assim, por exemplo, no seu *Trio* para trompa, violino e piano, de 1982, cada um dos três instrumentos tocava num sistema de afinação diferente. Poucos anos depois, passou dois meses a experimentar sistemas de afinação alternativos num sintetizador digital, nomeadamente uma versão especial do Yamaha DX7 (o DX7ii) que foi desenvolvida, em parte, por sua sugestão. Nessa versão, era possível mudar livremente a afinação das notas, permitindo explorar organizações harmónicas diferentes da de um piano. Pela mesma altura, experimentou também afinar instrumentos como a harpa e o cravo de modo distinto do convencional. Além dessas experiências, foi também decisivo o contacto com música não temperada de compositores como o canadiano Claude Vivier (1948-1983), bem como a escuta das já referidas gravações de música não ocidental (igualmente não temperada).

Como é característico da música de Ligeti, todas essas influências foram por ele assimiladas e transformadas em algo muito pessoal, de tal modo que será difícil reconhecê-las diretamente ao ouvir o Concerto. Tal acontece porque o compositor não imita as sonoridades que se encontram na superfície dessas músicas, mas antes absorve princípios estruturais (rítmicos, melódicos ou harmónicos) e faz música baseada em princípios análogos (não necessariamente iguais). Não há uma apropriação direta do material de base, mas uma recriação a um nível bastante abstrato. Do ponto de vista do sistema de afinação, por exemplo, inspira-se nas múltiplas abordagens já referidas para criar, no Concerto de violino, um híbrido bastante original. Assim, o solista e

parte da orquestra tocam no sistema temperado tradicional, enquanto parte das cordas (um violino e uma viola) têm uma afinação ligeiramente diferente. Ao mesmo tempo, o compositor pede pequenos desvios de afinação nas madeiras (fagotes, oboés, clarinetes e fagote), sendo que as trompas tocam frequentemente em afinação natural (um sistema baseado nos harmônicos puros). Além disso, usa ainda vários instrumentos de afinação imprecisa, incluindo ocarinas, flautas de êmbolo e percussões metálicas. O resultado sonoro global é extremamente colorido: simultaneamente estranho — bizarro até, por vezes — e altamente sensual e envolvente.

O primeiro andamento faz jus à indicação inscrita na partitura: “Vivacissimo, luminoso”. Partindo de um início muito suave, a textura cresce gradualmente, combinando uma multiplicidade de ritmos animados e cores brilhantes. Ao violino solo cabe um movimento imparável, de um virtuosismo que, embora diabólico, deve soar relaxado e natural. Intitulado “Aria, Hoquetus, Choral”, o segundo andamento é uma espécie de tema e variações, partindo de uma melodia de sabor folclórico que Ligeti retirou da sua *Musica ricercata*, uma obra composta ainda na Hungria, na década de 1950. O terceiro é novamente rápido (“Presto fluido”), sobrepondo uma melodia muito lírica e contínua no violino solo a uma textura agitada e surda no resto das cordas. O quarto (“Lento intenso”) começa de modo misterioso e suave, mas abre gradualmente, preparando o caráter mais agitado e efusivo a que a música regressa no quinto andamento.

DANIEL MOREIRA, 2023

Fabio Biondi violino e direção musical

Fabio Biondi busca incessantemente um estilo livre de constrangimentos. Logo desde o início, guiado pelos pioneiros da interpretação historicamente informada, o seu trabalho incorporou repertório que compreende três séculos. O entusiasmo e a determinação contagiantes em relação ao lugar cimeiro da música marcam a sua missão na procura de uma “linguagem original”, tanto em peças globalmente conhecidas, como em obras-primas menos divulgadas.

Em 1989, no seguimento de um trabalho intensivo com ensembles especializados, fundou o Europa Galante, que rapidamente se tornou o principal ensemble italiano de música antiga, garantindo concertos vibrantes e uma nova vida para o repertório barroco, clássico e do primeiro Romantismo.

Biondi dirige orquestras de câmara e sinfónicas modernas de modo envolvente, ambas a partir do violino. Trabalhou recentemente com a Filarmónica de Nova Iorque, as sinfónicas de Chicago e Washington, a Orquestra da Academia Nacional de Santa Cecília, a Orquestra da RAI de Turim, a Orquestra Nacional do Capitólio de Toulouse, a Filarmónica de Helsínquia, a Sinfónica da Rádio Finlandesa, a Sinfónica de Bamberg, as sinfónicas das rádios de Berlim e Frankfurt, a Orquestra de Câmara Mahler, a Mozarteumorchester de Salzburgo e a Filarmónica de Hong Kong. Foi diretor artístico para a música barroca na Sinfónica de Stavanger durante 11 anos, até 2016.

A paixão de Biondi pela ópera leva-o aos teatros de Zurique, Berlim, Genebra e Viena. Entre 2015 e 2018, foi diretor musical do Palau de les Arts Reina Sofia, em Valência, onde dirigiu produções de Donizetti, Rossini, Haydn e Verdi. Enquanto violinista, é considerado um virtuoso irrepreensível, com recitais pelo mundo inteiro:

Carnegie Hall, Wigmore Hall, Auditório Nacional de Música de Madrid e Cité de la Musique são alguns exemplos. Na temporada 2023/24 toca no Wigmore Hall de Londres, no Festival Chopin em Varsóvia, em Genebra e em Sevilha.

A sua vasta discografia, publicada pelas editoras Warner Classics, Virgin e Glossa, trouxe-lhe várias distinções, incluindo o Diapason d'or de l'année e o Choc du Monde de la Musique. O muito aclamado registo d'As *Quatro Estações* de Vivaldi, com o Europa Galante, foi considerado “Disco do Ano” em mais de uma mão cheia de países. Gravou com Joyce DiDonato, Diana Damrau, Philippe Jaroussky, Vivica Genaux e Rolando Villazón. O disco das sonatas de Paganini para violino e viola foi “Escolha do Editor” da Gramophone e da BBC Music Magazine. O seu contrato de exclusividade com a Naïve Records deu origem, recentemente, a quatro discos de Mendelssohn (2022) e aos *Carlo Monza Quartets* (2022), depois de um primeiro disco com a integral das Sonatas e Partitas de Bach (2021).

Fabio Biondi é académico, desde 2011, da Academia Nacional de Santa Cecília. Em 2015, foi distinguido com o grau de Oficial da Ordem Nacional das Artes e das Letras pelo Ministro da Cultura de França, e em 2019 ganhou a medalha “Coragem e Veracidade” do Governo polaco. É diretor artístico do Festival Farnese — Festival Internacional de Música Antiga, que lançou em 2023, no Teatro Farnese de Parma, juntando os mais prestigiados ensembles para a celebração da tradição italiana e europeia dos séculos XVII e XVIII.

Toca num violino Carlo Ferdinando Gagliano de 1766, que pertenceu ao seu professor, o maestro Salvatore Cicero, emprestado pela Fundação Salvatore Cicero em Palermo, cidade onde nasceu.

Tito Ceccherini direção musical

Tito Ceccherini conquistou um lugar de destaque especialmente pelas interpretações de obras do século XX, bem como de repertório contemporâneo. Combina com competência o foco nos detalhes com o entendimento da estrutura alargada da peça — exemplo disso foi a muito aclamada direção de *Da Casa dos Mortos* de Janáček.

Na temporada 2023/24, o maestro italiano regressa à Orquestra da Toscânia e vai dirigir a estreia mundial de um Concerto para piano de Federico Gardella, obras de Sibelius e Nielsen com a Filarmónica Estatal Alemã de Rheinland-Pfalz, em Rockenhausen e Mannheim. Composições de Filidei e Sibelius estão incluídas no programa de um concerto com a Orchestra dell'Opera Carlo Felice em Génova, e dirige uma nova ópera de Lucia Ronchetti, com a Sinfónica SWR, no Festival Schwetzingen SWR. É convidado do Remix Ensemble e da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música.

No domínio operático, celebrou com grande sucesso a nova produção de Jenske Mijnsen de *Diálogos das Carmelitas* na Ópera de Zurique, na primavera de 2022, depois de um primeiro convite para a sala de espetáculos, em 2019, altura em que dirigiu *Le Grand Macabre* de Ligeti. No Teatro da Basileia, conduziu a interpretação de *La Traviata* de Verdi (encenada por Benedikt von Peter) em 2022, e esteve no ano seguinte na Ópera Estatal de Estugarda para *Katia Kabanová* de Janáček (encenação de Jossi Wieler/Sergio Morabito). Desde 2009 que trabalha regularmente com o Teatro La Fenice em Veneza, onde dirigiu obras como *Dido e Eneias* de Purcell (2020), *Luci mie traditrici* de Sciarrino (2019), *Riccardo III* de Battistelli (2018, encenação de Robert Carsen, vencedor do Prémio da Crítica Franco), *Gefalo*

e *Pocri* de Krenek (2017) e *La porta della legge* de Sciarrino. É também presença regular na Ópera de Frankfurt (*I puritani* de Bellini, 2018; *Aus einem Totenhaus* de Janáček, 2018; e *The Rake's Progress* de Stravinski, 2017), no Teatro do Capitólio de Toulouse (*O Rapto do Serralho* de Mozart, 2017; *Béatrice et Bénédicte* de Berlioz, 2016; *O Prisioneiro* de Dallapiccola/*O Castelo do Barba Azul* de Bartók, 2015, encenação de Aurélien Bory). Na sequência da sensacional estreia mundial de *Da gelo a gelo* de Sciarrino no Festival Schwetzingen, em 2006, dirigiu várias estreias, incluindo *Inferno* de Lucia Ronchetti (2021), na Ópera de Frankfurt.

Ceccherini apresenta-se frequentemente com grandes orquestras como a Philharmonia, a Filarmónica de Tóquio, a Filarmonica della Scala, a Orchestra del Maggio Musicale Fiorentino, a Orquestra Estable del Teatro Colón, a Sinfónica da BBC, a Filarmónica da Radio France, a Radio Filharmonisch Orkest, as orquestras das rádios de Estugarda, Colónia, Frankfurt e Turim, e com muitas outras formações de relevo em Itália, Espanha e Portugal. Entre os seus parceiros regulares estão ensembles de destaque: Klangforum Wien, Ensemble Modern, Ensemble intercontemporain, Collegium Novum Zurich e Ensemble Contrechamps, entre outros.

É fundador do Ensemble Risognanze, com o qual interpreta obras-primas de música de câmara, de Debussy aos nossos dias, e com o qual já gravou vários CD. A sua extensa discografia encontra-se editada pela Sony, Kairos, Col legno e Stradivarius, e inclui discos premiados com o Diapason d'or, o Midem Classical Award e o Choc du Monde de la Musique.

Natural de Milão, Tito Ceccherini estudou piano, composição e direção de orquestra na sua cidade natal, no Conservatório Giuseppe Verdi, tendo depois prosseguido os estudos em São Petersburgo, Estugarda e Karlsruhe.

Ilya Gringolts violino

Ilya Gringolts conquista o público com o seu enorme virtuosismo e interpretações sofisticadas, e está sempre à procura de novos desafios musicais. Na condição de solista muito requisitado, dedica-se a grande repertório de concerto, bem como a obras contemporâneas e raras. Interessa-se também pelas práticas performativas históricas. Os seus programas de concerto incluem composições de Leclair e Locatelli, mas também os solos e peças para orquestra de Paganini. Estreou novas obras de Peter Maxwell Davies, Augusta Read Thomas, Christophe Bertrand, Bernhard Lang, Beat Furrer e Michael Jarrell. Em 2020, Ilya Gringolts e Ilan Volkov criaram a I&I Foundation para a promoção da música contemporânea, com a atribuição de encomendas a jovens compositores.

A temporada 2023/24 começou com uma digressão na Austrália e Nova Zelândia. Apresenta-se em concerto com a Sinfónica Nacional Húngara, a Orquestra Real Nacional Escocesa, a Sinfónica da BBC, a Filarmonica della Scala e a Filarmónica de Bruxelas. Entre os seus novos projetos encontram-se concertos de Mendelssohn, com *La Scintilla*, e de Sibelius, com a Orquestra Barroca Finlandesa. Estreia ainda peças de Lotta Wennäkoski, Chaya Czernowin, Boris Filanovsky e Mirela Ivcevic.

O violinista tocou com orquestras de renome como as filarmónicas de Los Angeles, Israel, Estocolmo e São Petersburgo, as sinfónicas de Singapura, NHK, da Rádio Finlandesa e Alemã de Berlim, e a Orquestra de Câmara Mahler. Mais recentemente subiu ao palco com a Sinfónica da Rádio da Baviera, a Orquestra de Santa Cecília de Roma, a Orquestra da Tonhalle de Zurique, as filarmónicas de Oslo e Helsínquia, as sinfónicas de Viena, Rádio de Berlim, Bamberg, Birmingham e Taiwan, a Orquestra do Festival

de Budapeste e a Orchestre National des Pays de la Loire. A partir do violino, dirigiu recentemente projetos com a Orquestra de Câmara Australiana, a Orquestra da Suíça Italiana, a Camerata Bern e o Ensemble Resonanz.

Vencedor do Diapason d'or e “Escolha do Editor” da Gramophone, a gravação de *Il labirinto armonico* de Locatelli (2021) resultou do trabalho com a Orquestra Barroca Finlandesa, com Ilya Gringolts a dirigir a formação a partir do violino. No mesmo ano, lançou ainda *Ciaccona*, um CD a solo com obras de Bach, Pauset, Gerhard e Holliger, que foi igualmente “Escolha do Editor” da Gramophone. Dos seus muitos registos — amplamente elogiados e lançados pela Deutsche Grammophon, BIS e Hyperion — fazem parte os *24 Caprichos para violino solo* de Paganini e a integral das obras de Stravinski para violino (2018), gravada com a Sinfónica da Galiza sob a direção de Dima Slobodeniouk, trabalho vencedor de um Diapason d'or.

Enquanto primeiro violino do Gringolts Quartet, esteve nos festivais de Salzburgo, Lucerna e Edimburgo, no Concertgebouw de Amesterdão, na Philharmonie do Luxemburgo, na Elbphilharmonie de Hamburgo e no Teatro La Fenice em Veneza. Como músico de câmara muito estimado, colabora regularmente com nomes como Nicolas Altstaedt, Alexander Lonquich, Peter Laul, Aleksandar Madzar, Christian Poltera, Lawrence Power e Jörg Widmann.

Depois de ter estudado violino e composição com Tatiani Liberova e Zhanneta Metallidi em São Petersburgo, o violinista frequentou a Juilliard School of Music, onde foi aluno de Itzhak Perlman. Vencedor do prémio Paganini em 1998, foi também distinguido pela BBC ainda no início da carreira. Além de ensinar na Universidade de Artes de Zurique, trabalha desde 2021 com a Accademia Chigiana em Siena. Toca num violino Stradivarius “ex-Prové” de 1718.

Orquestra Barroca Casa da Música

Laurence Cummings maestro titular

A Orquestra Barroca Casa da Música formou-se em 2006 com a finalidade de interpretar a música barroca numa perspetiva historicamente informada. Para além do trabalho regular com o seu maestro titular, Laurence Cummings, apresentou-se sob a direção de Rinaldo Alessandrini, Alfredo Bernardini, Amandine Beyer, Fabio Biondi, Harry Christophers, Antonio Florio, Paul Hillier, Paul McCreesh, Riccardo Minasi, Hervé Niquet, Andrew Parrott, Rachel Podger, Christophe Rousset, Dmitri Sinkovsky, Andreas Staier e Masaaki Suzuki, na companhia de solistas como Roberta Invernizzi, Franco Fagioli, Peter Kooij, Dmitri Sinkovsky, Alina Ibragimova, Rachel Podger, Marie Lys, Iestyn Davies, Rowan Pierce, Andreas Scholl, Pieter Wispelwey, Ilya Gringolts, Fernando Guimarães ou Anna Dennis e os agrupamentos The Sixteen, Coro Casa da Música e Coro Infantil Casa da Música.

Os concertos da Orquestra Barroca têm recebido a unânime aclamação da crítica nacional e internacional. Fez a estreia portuguesa da ópera *Ottone* de Händel e, em 2012, a estreia moderna da obra *L'ippolito* de Francisco António de Almeida. Apresentou-se em digressão em Espanha (Festival de Música Antiga de Úbeda y Baeza e em Ourense), Inglaterra (Festival Handel de Londres), França (Ópera de Dijon e Festivais Barrocos de Sablé e de Ambronay), Alemanha (BASF em Ludwigshafen am Rhein), Áustria (Konzerthaus de Viena) e China (Conservatório de Música da China em Pequim), além de concertos em várias cidades portuguesas — incluindo os festivais Braga Barroca, Noites de Queluz e Temporada Música em São Roque. Ao lado do Coro Casa da Música,

interpretou Cantatas de Natal, a Missa em Si menor e as Oratórias de Páscoa, de Ascensão e de Natal de Bach, *Te Deum* e *Missa Assumpta est Maria* de Charpentier, o *Messias* de Händel, as *Vésperas de Santo Inácio* de Domenico Zipoli e a *Missa de Santa Cecília* de Haydn. Em 2015 estreou-se no Palau de la Musica em Barcelona, conquistando elogios entusiasmados da crítica. Ainda no mesmo ano, mereceu destaque a integral dos *Concertos Brandeburgueses* dirigidos por Laurence Cummings. Tem tocado regularmente com o cravista de renome internacional Andreas Staier, com quem gravou o disco *À Portuguesa* (Harmonia Mundi, 2018), que incluiu dois concertos de Carlos Seixas e foi apresentado no Porto e em digressão — Ópera de Dijon, BASF em Ludwigshafen am Rhein, Konzerthaus de Viena e Noites de Queluz em Sintra. Nas últimas temporadas, interpretou os *Stabat Mater* de Pergolesi, Charpentier, Vivaldi e Scarlatti, as *Vésperas* de Monteverdi, excertos da *Arte da Fuga* de Bach e *Ode para o Dia de Santa Cecília* de Händel.

O repertório a apresentar em 2023 inclui cantatas de Bach na voz da soprano Nuria Rial, as *Sete últimas palavras de Cristo na Cruz* de Haydn, a *Música Aquática* de Telemann e duas obras emblemáticas do Barroco no concerto de Natal, ao lado do Coro Casa da Música: o *Gloria* de Vivaldi e o *Magnificat* de Bach. Nesta temporada, a Orquestra Barroca divide o palco com artistas de relevo internacional, destacando-se os regressos de duas figuras de referência na interpretação de música antiga, os maestros e solistas Andreas Staier e Fabio Biondi.

A discografia da Orquestra Barroca Casa da Música inclui gravações ao vivo de obras de Avison, D. Scarlatti, Carlos Seixas, Avondano, Vivaldi, Bach, Muffat, Händel e Haydn, sob a direção de alguns dos mais prestigiados maestros da atualidade internacional.

Remix Ensemble Casa da Música

Peter Rundel maestro titular

Desde a sua formação, em 2000, o Remix Ensemble Casa da Música apresentou, em estreia absoluta, cerca de 115 obras e foi dirigido por alguns dos maestros mais relevantes da cena internacional como Peter Rundel, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Reinbert de Leeuw, Emilio Pomarico, Ilan Volkov, Matthias Pintscher, Franck Ollu, Baldur Brönnimann, Olari Elts, entre outros. Stefan Asbury foi o seu primeiro maestro titular.

No plano internacional, o Remix Ensemble apresentou-se nas salas mais prestigiadas de cidades como Paris, Viena, Berlim, Colónia, Zurique, Hamburgo, Donaueschingen, Antuérpia, Bruxelas, Milão, Budapeste, Estrasburgo, Amesterdão, Witten, Roterdão, Luxemburgo, Huddersfield, Orleães, Bourges, Toulouse, Reims, Norrköping, Barcelona, Madrid, Valência e Ourense, incluindo festivais como Wiener Festwochen e Wien Modern (Viena), Agora (IRCAM — Paris), Printemps des Arts (Monte Carlo), Musica Strasbourg e Donaueschinger Musiktage. Foi o primeiro ensemble português a pisar o palco da Philharmonie de Berlim (2012) e o primeiro agrupamento musical português a tocar na Elbphilharmonie de Hamburgo (2020).

Entre as obras interpretadas em estreia mundial, incluem-se encomendas a Wolfgang Rihm, Georg Friedrich Haas, Wolfgang Mitterer, Francesco Filidei, Hèctor Parra, Erkki-Sven Tüür e Daniel Moreira, além de composições de Pascal Dusapin, Georges Aperghis e Peter Eötvös. Fez ainda as estreias mundiais das óperas *Philotomela* de James Dillon (Porto, Estrasburgo e Budapeste), *Das Märchen* de Emmanuel Nunes (Lisboa), *Giordano Bruno* de Francesco Filidei (Porto, Estrasburgo, Reggio Emilia e Milão) e

da nova produção da ópera *Quartett* de Luca Francesconi (Porto e Estrasburgo) com encenação de Nuno Carinhas. Apresentou um concerto cénico sobre a *Viagem de Inverno* de Schubert na reinterpretação de Hanz Zender, também com encenação de Nuno Carinhas. O projeto *Ring Saga*, com música de Richard Wagner adaptada por Jonathan Dove e Graham Vick, levou o Remix Ensemble em digressão por grandes palcos europeus. Nas últimas temporadas estreou em Portugal obras de Emmanuel Nunes, Harrison Birtwistle, Peter Eötvös, James Dillon, Georg Friedrich Haas, Magnus Lindberg, Luca Francesconi, Philippe Manoury, Wolfgang Mitterer, Thomas Larcher, Christophe Bertrand, Oscar Bianchi, Philip Venables, Cathy Milliken, Rebecca Saunders e Justè Janulytè, além de inúmeras obras de compositores portugueses de várias gerações.

A temporada de 2023 inclui as estreias nacionais de duas obras de Enno Poppe, uma das quais coencomendada pela Casa da Música. Contando com Matthias Goerne como solista, o Remix Ensemble faz a estreia mundial de uma encomenda a Jörg Widmann, uma nova versão para ensemble e barítono do ciclo *Dichterliebe* de Schumann — programa com o qual regressa, em outubro, à Philharmonie de Colónia e à Elbphilharmonie de Hamburgo. Divide o palco ainda com Ilya Gringolts, interpretando o *Concerto para violino* de Ligeti.

O Remix tem dezoito discos editados com obras de Pauset, Azguime, Côrte-Real, Peixinho, Dillon, Jorgensen, Staud, Nunes, Bernhard Lang, Pinho Vargas, Mitterer, Karin Rehnqvist, Dusapin, Francesconi, Unsuk Chin, Schöllhorn, Aperghis e Eötvös. A revista londrina Gramophone incluiu o CD com gravações de obras de Pascal Dusapin, pelo Remix Ensemble e pela Sinfónica do Porto Casa da Música, na restrita listagem de Escolha dos Críticos do Ano 2013.

Orquestra Barroca

Violino I

Laura Vadjon
Bárbara Barros
Ariana Dantas
Flávio Aldo

Violino II

Miriam Macaia
Sergio Suárez Rodríguez
Cecília Falcão
Mariña Garcia-Bouso

Viola

Isabel Juárez
Manuel Costa

Violoncelo

Filipe Quaresma
Vanessa Pires

Contrabaixo

José Fidalgo

Oboé

Pedro Castro
Andreia Carvalho

Fagote

José Rodrigues Gomes

Cravo

David Palanca

Trompas naturais

Hugo Carneiro
Jaime Resende

Remix Ensemble

Violino

Angel Gimeno
Ashot Sarkissjan
Ana Madalena Ribeiro
João Pedro Sá
Angélica Fonseca

Viola

Trevor McTait
Alfonso Noriega
Teresa Rodrigues da Silva

Violoncelo

Oliver Parr
Tiago Silva

Contrabaixo

António A. Aguiar

Flauta

Stephanie Wagner
Célia Campos Silva

Oboé/Ocarina

Filipa Vinhas

Clarinete/Ocarina

Victor J. Pereira
Ricardo Alves

Fagote/Ocarina

Roberto Erculiani

Trompa

Luís Vieira
Hugo Sousa

Trompete

Aleš Klančar

Trombone

Ricardo Pereira

Percussão

Mário Teixeira
Manuel Campos

Operação Técnica

Iluminação

Virgínia Esteves

Palco

Carlos Almeida
José Torres
José Vilela
Rui Brito

Assistentes de cena

José Costa
Manuel Martins

Próximos concertos

08 QUARTA 21:00 SALA SUGGIA

Rodrigo Leão + Tó Trips

Misty Fest

promotor: Uguru

09 QUINTA 21:00 SALA 2

Salomão Soares + Anna Setton

Misty Fest

promotor: Uguru

10 SEXTA 22:30 SALA 2

Kaki King

promotor: Luís Bandeira Unipessoal

11 SÁBADO 18:00 SALA SUGGIA

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Coro Casa da Música

Ensemble Vocal Pro Musica

Coro Infantil Casa da Música

Stefan Blunier direção musical

Alina Wunderlin soprano

Paul Schweinester tenor

Joachim Goltz barítono

obras de **Richard Wagner, Harrison Birtwistle e Carl Orff**

12 DOMINGO 18:00 SALA SUGGIA

Alexander Malofeev

obras de **Johann Sebastian Bach-Samuil Feinberg, Alexander Scriabin,**

Richard Wagner-Franz Liszt, Mieczyslaw Weinberg e Sergei Rachmaninoff

13 SEGUNDA 21:00 SALA SUGGIA

Wim Mertens + Francisco Sassetti

Misty Fest

promotor: Uguru

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS CASA DA MÚSICA

